

Foucault e os perigos da história Foucault and the dangers of history

Paula Corrêa Henning
paula.henning@feevale.br

VEYNE, P.M. 1998. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed., Brasília, Editora Universidade de Brasília, 285 p.

O que é a história? Essa é a pergunta que inicia a obra de Paul Veyne: *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Colocando-se a pensar sobre a escrita da história e os discursos que a constituem, o autor indaga o leitor acerca do seu entendimento sobre esse campo de saber como uma ciência ou como um conjunto de teorias, tendo como principal objetivo explicar os fenômenos e acontecimentos.

A preocupação em problematizar a história sagrada, oficial e linear contada pelos grandes historiadores é evidenciada por Veyne ao longo das 285 páginas que constituem seu livro. Narrando fatos e produzindo verdades, a história foi/é constituidora de um discurso que pretendeu/pretende dar conta de explicar os acontecimentos numa sequência lógica, produzindo o que o autor chama de *narrativa verídica*.

Colocando sob suspeita a metanarrativa da história contada como a verdade sobre o mundo, Veyne organiza a obra em quatro grandes partes, respectivamente intituladas: *O objeto da história*; *A compreensão*; *O progresso da história* e *Foucault revoluciona a história*.

Nos primeiros capítulos, ele anuncia o distanciamento entre ciência e história. Sim, a história não é uma ciência! Enquanto a primeira se caracteriza por uma trama, uma rede de significações (dadas pelo historiador) e se apresenta subjetiva, pois é uma mistura humana, a segunda constitui-se de causas materiais, de fins e acasos.

A idéia de história como trama demarca ainda o entendimento de recorte de fatos que suscitam a atenção do historiador. Um fato não é por si interessante; o que o torna interessante é o olhar e a atenção dada por quem escreve essa história. A história é, então, seletiva e

classificatória, já que a rota traçada por ela, os fatos contados ou não, são produzidos por quem narra essa história. O caminho seguido não é a verdade, mas a produção de um discurso que classifica, seleciona e normaliza a história, dando voz a alguns fatos e silenciando outros. O sentido da história não é dado pelos fatos, mas pelos discursos que se constituem ao narrar a trama produzida pelo historiador.

Na correnteza dessas idéias, a segunda parte do livro se dedica a problematizar o mundo sublunar da história colocado em oposição à ciência. O entendimento da história como narração organizada numa trama compreensível, marcada pelo acaso, por causas, pelo cotidiano, se contrapõe ao mundo científico, regido por normas e generalização de leis.

As explicações que a história estaria comprometida a dar sobre os fatos sociais, políticos, econômicos, culturais nada mais são do que o sentido, a interpretação que o historiador dá à narração. Com isso, Veyne indaga o leitor a respeito da neutralidade da história: é possível descrever a história sem julgá-la?

Diante disso a conclusão do professor nessa parte da obra é bem clara: a história, definitivamente, não é uma ciência. Para ele, há uma nuance entre as duas, mas, paradoxalmente, um abismo, já que a primeira busca a compreensão dos acontecimentos cotidianos, e a segunda, a produção de leis. Não podemos prever os acontecimentos através das leis e generalizações. Assim, a história jamais se tornará uma ciência.

Na continuidade da obra, Veyne abre a terceira parte do livro: *O progresso da história*. Aqui ele discute as descontinuidades necessárias para a produção de uma

história não-linear, descrente das escavações lá no fundo, na sua essência, que exigissem olhar o subsolo dos acontecimentos.

Desprovida de método, a história busca a compreensão dos fatos, a explicação da trama. Essa explicação deve se dar na ordem dos fatos, na descrição do que se fala, pondo em dúvida a tendência que temos de acreditar que tudo é evidente. A história é, enfim, uma luta pela verdade. Uma narrativa que conta acontecimentos, fatos, tramas marcadas e selecionadas pela ótica do historiador. Assim, a riqueza de idéias e a observação das nuances valem mais do que a concepção de história do intelectual.

Diante disso, Veyne retorna a questão que talvez seja a mais presente em sua obra: a história não é uma ciência. Ela não faz abstrações na busca de uma linguagem matemática precisa, ela narra, enfim, acontecimentos que se produzem dispersamente em meio a muitos outros, exigindo do historiador colocar ordem nos acontecimentos, selecionando uns e não outros. A renúncia por fazer da história uma ciência é uma necessidade para podermos constituir esse campo de saber não como pré-científico, como nos disse Comte, mas sim como um saber que rompe com o contínuo e o uno.

Para isso, afirma o autor, a formação do historiador deve ser marcada pelo aniquilamento de reducionismos como causa e consequência, como linearidade e constância da causalidade, como busca pela origem das essências. Esses são alguns dos fundamentos de uma história factual que devem ser colocados em xeque para que possamos entender que na história não existem leis. O vivido, o sublunar, a *dóxa* são as marcas desse campo de saber que não tem pólo fixo e método a seguir.

Ao final da terceira parte, Veyne apresenta algumas considerações de Max Weber, evidenciando algumas idéias desse autor, que anuncia uma história não-factual de rupturas com a continuidade, de descompasso entre causa e efeito.

E é então com a idéia de que a nomenclatura ciência seja destinada à teoria econômica e à praxologia matemática que ele encerra a terceira parte de sua obra.

Na continuidade do estudo, Veyne abre seu segundo ensaio, a quarta parte intitulada *Foucault revoluciona a história*. Aqui os adensamentos teóricos do filósofo francês se apresentam com muita propriedade. Dando adeus aos cortes e estruturas das linhas da continuidade e evolução, Veyne busca em Foucault os contornos necessários para, junto com o autor, demonstrar que explicar a história é um estudo muito simplista.

Compreender, enfim, o que uma determinada época quis mesmo por trás das práticas que efetivou definitivamente não é o entendimento de que trata o livro. Pelo

contrário, essa obra se dedica a compreender o objeto e analisar o seu fazer em determinado momento histórico. Esses objetos ao sobre os quais nos debruçamos somente existem dentro de uma prática, de um discurso que os constitui. Está aí a importância da história, já que estudar a genealogia da produção desses objetos interessa para compreender os discursos que são aceitos.

A pretensão dessa nova história versa a partir da interrogação diante dos discursos e práticas. A preocupação não é com o que está por trás desse discurso. O estudo da história não é, enfim, a base do *iceberg* (para utilizar a metáfora de Veyne). Não se pensa, aliás não se acredita ou sequer se suspeita, que os discursos ditos não são bem esses ou que não foi exatamente isso que se queria dizer. Não há nada oculto. Há práticas e discursos que vão constituindo os objetos dos quais falam. Assim, bem retrata Veyne (p. 280):

A história-genealogia à Foucault preenche, pois, completamente o programa da história tradicional; não deixa de lado a sociedade, a economia, etc., mas estrutura essa matéria de outra maneira: não os séculos, os povos nem as civilizações, mas as práticas; as tramas que ela narra são a história das práticas em que homens enxergaram verdades e das suas lutas em torno dessas verdades. Esse novo modelo de história, essa arqueologia, como chama seu inventor [...] não se especializa na prática, no discurso, na parte imersa do *iceberg*, ou antes a parte oculta do discurso e da prática é inseparável da parte emersa.

Diante disso, cabe destacar ainda a compreensão de história não somente com a idéia de passado. Aliás, para Foucault, sua história é do presente. Entendemos o passado com os olhos do presente. A busca pela história dos objetos do passado são tentativas de compreender as condições de possibilidade que os produziram e nos levaram a constituir o presente. Sem essa intenção, a história não tem razão de existir.

A história arqueológica possibilita a mudança de foco desse campo de saber: de uma visão essencialmente explicativa, busca as condições de possibilidade que constituem esses discursos e não outros em seu lugar.

Veyne traz nesse livro uma riqueza teórica que põe o leitor a pensar sobre a história linear que conhecemos. Fatos geométricos, origem, verdade abrem espaço para tramas, discursos e produção de verdades. Nessa perspectiva se inscreve esse livro, que traz Foucault como referência de muitas das idéias apresentadas.

A leitura do livro vale para qualquer leitor que se interesse em olhar para a história ao avesso. Interessa a todos e todas aqueles/as que se inquietam com a maneira linear e simplista com que, antes das teorizações foucaultianas, olhávamos para a história. A quem de de-

dica aos estudos do filósofo francês esta obra dá muito a pensar, contribuindo com novas produções numa perspectiva arqueológica de fazer a história.

O livro que questiona os fins da história, a busca pela verdade e a ciência como o regime de verdade que constituiu a ordem discursiva moderna leva um título que está muito em consonância com os textos produzidos: *Revolucionar a história*, eis o trabalho de Foucault que Veyne, com muita propriedade, veio a problematizar.